

EDITORIAL

Formando os Formadores: Desafios e Recursos Metodológicos para Levar o Humanismo até a Prática Clínica

Regarding Faculty Development: Challenges and Methodological Resources for Bringing Humanism into Clinical Practice

Pablo González Blasco¹, Juliana de Carvalho Moura²

Em editorial publicado neste espaço¹, analisávamos as oportunidades e ameaças que o recente e imenso crescimento da EAD (Educação Médica a Distância) nos trouxe por conta dos tempos pandêmicos. As reflexões desse editorial, conduziam-nos, através de cenas de filmes, até a importância insubstituível do ensino médico na prática, na “trincheira”, aquilo que a perspectiva cinematográfica denominava “*o cheiro da Capela Sistina*”. Não basta saber tudo acerca de Michelangelo, mas é preciso sentir, cheirar, estar lá para incorporar o aprendizado. O que nos leva a nova reflexão, agora sobre o facilitador do processo, que vai guiar o estudante nesse mergulho na medicina real – já na Capela Sistina – para que consiga, de fato aprender.

O cheiro. O mosaico. Um passo atrás. Um novo campo de visão para reconhecer e ressignificar a beleza do encontro e do cuidado na área da saúde. Para sentirmos “*o cheiro da capela Sistina*” ou qualquer tipo de experiência real na prática é preciso aguçar os sentidos: visão, olfato, tato, escuta, fala. O ensino mediante a experimentação de situações práticas requer a abertura e a ampliação de nossos sentidos ao desconhecido. Quando se trata de ensino médico a “*visita a capela Sistina*” impõe diversos desafios a todos os sujeitos envolvidos. Requer um pouco mais, especialmente dos professores -guias - que se propõem a desenvolver um processo de ensino-aprendizagem in loco.

Para encarar tal desafio o professor precisaria assumir uma dupla tarefa: desenvolver o conhecimento técnico (o raciocínio clínico, as hipóteses diagnósticas as possibilidades terapêuticas) e reconhecer qual o sentido (percepções, significados de cada um) que de fato o aluno vivencia dentro e através da experiência. Certamente a visita a capela Sistina exige um passo atrás, que permita ao professor abrir-se ao ser humano, à sua totalidade e unicidade, à pessoa: exige uma perspectiva humanística da ação médica e do afazer docente².

Surge assim uma nova necessidade: em primeiro lugar, para os professores acadêmicos que conduzem o processo de aprendizado, mas também para os profissionais médicos da “*linha de frente*” que prestam serviços a pacientes e famílias nos diversos cenários de atendimento, sendo os verdadeiros “*guias*” dos estudantes quando na trincheira da Capela Sistina. É preciso um movimento único, da fonte acadêmica até a ponta, para não haver divórcio de pensamento, nem semear perplexidades: aquilo que o aluno aprende

1. Doutor em Medicina. Diretor Científico de SOBRAMFA. <https://orcid.org/0000-0001-8682-8770>. Email: pablogb@sobramfa.com.br
2. Mestrado em Medicina Preventiva e Social FMUSP. Professora associada em SOBRAMFA. Coordenadora de Formação de Professores. <http://orcid.org/0000-0002-2259-6381>. Email: jcmsaudecoletiva@yahoo.com.br

na aula, tem de ser viabilizado depois na assistência, na prática. E isto não é o que acontece, com bastante frequência, no dia a dia³.

Vivemos tempos paradoxais nestes momentos pós pandêmicos. Apesar do avanço das tecnologias EAD, os alunos mostram-se cada vez mais vorazes “*por entrar em ação*”, por ver pacientes e experimentar “*a verdadeira prática médica*” de modo a reduzir a sensação de “*tempo perdido*” provocada por um forçosa e necessária reclusão pandêmica⁴. No entanto, as lentes criadas desde a academia, por detrás dos olhos aguçados, insistem em “*olhar a doença*” e não em ver o doente. Estamos dentro da capela sistina, mas diante da beleza sedutora da técnica o paciente perde os seus contornos.

A ressignificação do objeto da prática médica requer o investimento em um tipo de sabedoria distinta dos conhecimentos teóricos e técnicos: necessitamos também exercitar a sabedoria prática (o que fazer diante de uma determinada situação, diante de um determinado paciente e de uma determinada família).

Neste sentido, a importância da escuta e do diálogo se colocam como um dos principais atributos do trabalho médico. A pactuação de planos e estratégias de cuidado, a decisão compartilhada junto aos sujeitos só acontece em ato, no exato momento do encontro entre os sujeitos. O exercício pedagógico -junto aos alunos a beira do leito ou em ambulatórios – necessariamente deverá ir além das imprescindíveis discussões acerca dos diagnósticos e condutas terapêuticas. Precisaríamos incluir a dimensão da sabedoria prática – verdadeira práxis aristotélica – no encontro entre professores, profissionais e alunos. Como vamos pactuar as nossas condutas, embasadas em protocolos Técnico-científicos, junto aos pacientes e familiares? Como realizar e ensinar isso no ato do encontro que sempre é único e surpreendente?^{5,6}

Para tanto, há que se investir na formação não apenas dos alunos durante a graduação médica, mas especialmente dos profissionais (médicos preceptores) e professores que estão diariamente enfrentado o duplo desafio de cuidar dos paciente (no campo de batalha) e de ensinar as novas gerações competências humanísticas e comunicacionais essenciais ao êxito técnico e sucesso prático das ações. A apreciação do mosaico e das intermináveis possibilidades de ensino-aprendizado nos cenários de prática, necessita vir acompanhado de provocações que agucem os sentidos e possibilitem outras aberturas reflexivas para a novas experiências e diálogos.

Neste sentido, as Humanidades Médicas são um recurso imprescindível para dar esse passo atrás, e preparar-se para o encontro: com o paciente, e com o aluno. Durante alguns anos da década passada (2009- 2011) foi oferecida no curso de pós-graduação em ciências da FMUSP, locada na Departamento de Patologia, a Disciplina *Avaliação de Novos Recursos Pedagógicos para a Formação Humanística do Médico* (MPT5789). Alguns dos resultados desse curso de formação de docente foram recentemente publicados⁷.

As Humanidades Médicas são o ponto de partida. Mas é preciso, a seguir, levar o aprendizado até a prática assistencial. O desafio é grande. Lembro de certa vez, que em curso similar dado aos alunos de uma faculdade de medicina, onde usávamos o cinema como recurso de reflexão, os alunos queriam depois levar essa reflexão até a prática no pronto socorro. Houve certa revolução, porque os professores não estavam envolvidos. E um dos líderes da emergência chegou a comentar que uma coisa é o cinema, outra a vida real. Quer dizer, não funciona, a menos que o tal líder esteja envolvido também no curso. Esse é o formato desejável para humanizar a medicina através das Humanidades médicas.

Os recursos são muitos e variados, como aponta a bibliografia já elaborada nesta linha de pesquisa⁸. Não bastam as boas intenções, mas se requer metodologia específica, docentes preparados. As emoções que o aprendizado desperta -em alunos e professores – é algo não somente inevitável, mas desejável. Mas é preciso saber o que fazer com essas emoções⁹. Eis outro ponto ondes os projetos acabam entortando.

E, finalmente, ensinar Humanidades Médicas, envolvendo alunos e professores, implica investimento de tempo e de recursos. De outro modo, qualquer movimento humanizante não é sustentável¹⁰.

O cheiro da capela sistina é possível de se apreciar quando da mão de um guia-professor capacitado. Somente aí, é possível, viver essa experiência fenomenológica do encontro com o paciente e desenvolver a medicina como ciência e arte. Para isso precisamos das humanidades, como apontou Pellegrino¹¹, porque são elas as que conferem as atitudes e competências que distinguem um médico culto de um simples executor de técnicas e procedimentos. É deste modo como no sentir do mesmo autor, pode se ver a medicina como a mais científica das humanidades, e a mais humana das ciências¹¹.

REFERÊNCIAS

1. Blasco PG, Benedetto MAC, Moreto G, Levites MR. Educação médica a distância: oportunidades, ameaças e reflexões. O cheiro da Capela Sistina. Rev Med (São Paulo). 2021;100(4):i-iv. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v100i4pi-iv>
2. Blasco PG, Benedetto MAC, Moreto G, Janaudis MA, Levites MR. Humanización en la docencia a médicos y estudiantes: desafíos y recursos metodológicos para llevar el humanismo a la práctica clínica. Santiago de Chile: Fundación Interamericana Cien Vida. 2019;1:98. Disponível em: <https://sobramfa.com.br/wp-content/uploads/2020/01/Humanizacion-en-la-Docencia-a-Medicos-y-Estudiantes.PDF.pdf>.
3. Benedetto MAC, Gallian DMC. Narrativas de estudantes de Medicina e Enfermagem: currículo oculto e desumanização em saúde. Interface Comun Saúde Educ. 2018;22(67):1197-207. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0218>.
4. SOBRAMFA. Estágio para estudantes de medicina. Disponível em: <https://sobramfa.com.br/estagio-para-estudantes-de-medicina/>.
5. Janaudis MA, Moreto G, Levites MR. O que vai entrar por essa porta? A experiência Osler. Arch Med Familiar. 2020;22:145-147. <https://sobramfa.com.br/wp-content/uploads/2021/05/amf204a-1.pdf>.
6. SIOBRAMFA. “Osler experience”. Disponível em: <https://sobramfa.com.br/capacitacao>
7. Blasco PG, Moreto G, Levites MR, De Benedetto MAC, Janaudis MA, Azevedo RS. A faculty development course focusing on the humanities to promote reflection on teaching. Med Teach. 2021;43:1-2. <https://doi.org/10.1080/0142159X.2021.1929900>.
8. Correa FJL, Blasco PG, organizador. La humanización de la salud y el humanismo médico en Latinoamérica. Santiago de Chile: FELAIIBE, SOBRAMFA y Facultad de Ciencias de la Salud de la Universidad Central de Chile; 2018. v.1, p.253. Disponível em: <https://sobramfa.com.br/cientifico/wp-content/uploads/2018/12/FELAIIBE-18-Humanismo-m%C3%A9dico-1.pdf>.
9. Moreto G, Blasco PG, De Benedetto MAC, Levites MR. Reflections in Medical Education: Empathy, Emotions, and Possible Pedagogical Resources for the Emotional Education of Medical Students. In: Firstenberg MS, Stawicki SP, editors. Medical education for the 21st Century [Working Title]. London: IntechOpen; 2022 [cited 2022 Apr 30]. DOI: <http://dx.doi.org/10.5772/intechopen.101832>
10. Levites MR, Blasco, PG. Humanismo médico na prática: buscando modelos sustentáveis. Arch Med Familiar. 2019;21:129-32. <https://sobramfa.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Archmed-Fam-2019.-No.-4.-Humanismo-M%C3%A9dico-na-Pr%C3%A1tica-1.pdf>.
11. Pellegrino ED. Humanism and the physician. Knoxville: University of Tennessee Press; 1979.